

A dramaturgia na pintura de Clarkson Stanfield: *Marinha com naufrágio em Fort Rouge, Calais*

A Pintura Marinha enquanto género e o surgimento do romantismo no cenário europeu

A pintura marinha surge como género nos Países Baixos, na última metade do século XVI, onde foi atribuído ao pintor Hendrik Cornelisz Vroom (Imagem 1) como sendo o pai desta temática. Certamente o desenvolvimento do género se deve ao facto da dependência do país nas questões marítimas, que revelavam uma força económica na Europa, e também como uma referência ao território que foi conquistado ao mar.

Embora o mar sempre esteve representado na iconografia, nas mais variadas formas, ele ganha destaque nos séculos XVIII e XIX, com grandes cenas da representação envolvendo episódios com grande encenação e dramatismo, muito associado ao período romântico.

O Romantismo ganha forma na Europa no século XVIII como um movimento artístico, político, filosófico e literário, tendo força no século XIX, afirmando-se numa clara rutura com o neoclassicismo, nomeadamente no que diz respeito às artes. Para tal, contribuíram os ideais iluministas de Jean-Jacques Rousseau, numa Europa em mudança onde os sistemas absolutistas caíam e surgia o liberalismo político. A Revolução Industrial e a Revolução Francesa vieram causar mudanças profundas na sociedade contribuindo para o surgimento do mundo contemporâneo. Na arte também existia uma mudança, tendo a representação dessa mudança uma finalidade moral.

A pintura romântica

“O Romantismo não se encontra nem na escolha dos temas nem na sua verdade objectiva, mas no modo de sentir. Para mim, o romantismo é a expressão mais recente e atual de beleza. E quem fala de romantismo fala de arte moderna, quer dizer, intimidade, espiritualidade, cor e tendência ao infinito, expressos por todos os meios de que as artes dispõem...”

Charles Baudelaire

O movimento romântico não pode ser definido como um único estilo, no que diz respeito à técnica ou temática; é “...sobretudo um estado de espírito, que tem na base uma necessidade de afirmação pessoal do artista, cuja inspiração não cabe nos limites impostos pelos critérios de uma época e para quem a arte é uma realização de si próprio e o leva a isolar-se num mundo só seu” (Sousa, 1994).

O romantismo prende-se sobretudo com a individualidade de expressão de cada artista, através da emoção em detrimento da razão. Procura o sobrenatural, o mistério, o melancólico e o cruel, o sonho em vez da realidade, o idealismo acima do pragmatismo. Para tal, surgem universos imaginários, fantásticos, patéticos e sublimes, tendo como uma das suas fontes de inspiração a natureza. Outras representações são a referência ao passado medieval, civilizações exóticas (orientais) e culturas marginais.



Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4

Imagem 1 – Hendrik Cornelisz Vroom (1562-1640) – *Combate naval frente a uma costa rochosa* (1626-1627). Museu do Prado.

Imagem 2 – Theodore Géricault (1791-1824) – *A jangada de "A Medusa"* (1818-1819). Museu do Louvre.

Imagem 3 – Joseph Mallord William Turner (1775-1851) – *Naufrágio de um Cargueiro* (1810). Museu Calouste Gulbenkian.

Imagem 4 – Caspar David Friedrich (1774-1840) – *O viajante sobre um mar de névoa*, (1818). Kunsthalle, Hamburgo.

Uma das obras mais emblemáticas deste período, e que representa a plenitude do romantismo, deve-se ao pintor francês Theodore Géricault, com a sua obra *A Jangada de “A Medusa”* (Imagem 2). Embora tenha sido criticada pelos conservadores, a nível técnico não se desvia muito dos cânones tradicionais, no entanto, a intenção é que chocou. A obra é inspirada em acontecimentos reais, representa os sobreviventes de um naufrágio da fragata *A Medusa* na costa africana. Para tal, Géricault efetuou vários estudos nas morgues, fazendo inúmeros esboços para conferir veracidade aos corpos. Exaltante, inquietante e emotiva, retrata a condição humana, o sofrimento e a esperança.

Por sua vez, Joseph Mallord William Turner, conhecido pintor de paisagens, representou a natureza de uma forma sublime e aérea. As suas obras mostram desastres naturais, que o próprio chegava a presenciar, catástrofes, tormentas, e apocalipses, realizados num movimento de luz e cor, mancha e diluição formal. Exemplo disso é a obra patente no Museu Calouste Gulbenkian, *Naufrágio com Cargueiro* (Imagem 3), que mostra precisamente o pitoresco e o sublime, resultando numa paisagem heroica num momento máximo em que a natureza joga com o poder do Homem, tornando no observador em espectador, envolvendo-se na cena.

Casper David Friedrich, o pintor de referência na Alemanha dentro do género, procura representar paisagens imensas, lugares inacessíveis, ambientes sublimes, devaneios fantásticos e olhares impossíveis, onde a natureza surge como emanção de Deus. Exemplo disso é a obra *O Viajante sobre um mar de Névoa* (Imagem 4), onde um homem aparece como figura central num cume, conseguindo observar as montanhas rochosas que estão tapadas com névoa, conferindo à cena um grande mistério. Outro contraste é a figura com cores escuras em contraponto com os brancos das nuvens. Há quem diga que seja o pintor a fazer-se representar. Outra das interpretações é que poderá ser algum de nós com um olhar sobre a frieza da vida que se faz representar pelas cores gélidas. A ausência absoluta do tema, a indefinição do espaço concreto, tendo como técnicas a limitação da gama cromática e a ausência do detalhe.

A obra de Clarkson Stanfield na Casa-Museu Alfredo da Silva

A Casa-Museu Alfredo da Silva (Imagem 5) situa-se num dos primeiros edifícios da Companhia União Fabril e foi construída em 1908. A sua função inicial foi a de Casa da Gerência, um dos primeiros escritórios do complexo industrial. Também era neste espaço que Alfredo da Silva ficava quando este se deslocava ao Barreiro.

A Casa foi sofrendo algumas alterações ao longo dos anos, quer no seu interior quer relativamente às suas funções, chegando a servir a Direção de Pessoal e a área da Comunicação da empresa.

Uma das grandes transformações aconteceu no primeiro andar, em 1960, com um arranjo em madeira criado pelo arq. Vasco Regaleira. Possivelmente, terá sido neste contexto que as pinturas da Casa-Museu vieram a ser integradas. Não existe registo da sua integração, mas de acordo com alguns testemunhos, a grande maioria das obras foi adquirida numa viagem realizada por Jorge de Mello a Londres. Numa análise mais profunda a todas as pinturas, todas elas têm um número de inventário, algumas chegando a ter mais do que um número. Esta numeração talvez tenha ligação a alguma leiloeira.

O local escolhido para colocar a pintura de Stanfield (Imagem 60.) foi no acesso ao primeiro andar da Casa. Para uma análise ao estado de conservação da obra, percebeu-se que possivelmente a obra foi adquirida e colocada naquele local sem nunca ter sido retirada. Os ganchos que sustentavam a pintura na parede demonstraram o tempo e o método utilizado para que o peso da tela fosse suportado, bem como a grade e a própria moldura.

A composição desta obra, até ao momento, nunca tinha sido analisada e nada se sabia da sua história.



Imagem 5



Imagem 6

Quem foi Clarkson Frederick Stanfield?



Imagem 7

Clarkson Frederick Stanfield nasceu a 3 de dezembro de 1793 na cidade de Sunderland. Filho do ator, autor e ex-marinheiro irlandês, James Field Stanfield. Também ele serviu a marinha, onde numa das suas viagens teve um acidente que o deixou inválido. Foi por esta altura que já se fazia notar o seu talento através dos seus desenhos.

Trabalhou como desenhador de cenários no Royalty Theatre em Wellclose Square, em Londres. Mais tarde, com David Roberts, vai trabalhar no Theatre Royal, Drury Lane, na produção de cenários em movimento, os chamados dioramas, onde alcança a fama e o reconhecimento terminando esta atividade em 1834. Tratava-se de uma antecipação do cinema do século XIX, através de grandes rolos de pinturas parecendo pergaminhos e eram complementados com efeitos sonoros e iluminação.

Imagem 5 – Antiga Casa da Gerência, atual Casa-Museu Alfredo da Silva. Excerto de fotografia, 1929. CDMIBd'T.

Imagem 6 – Quadro de Clarkson Stanfield na Casa-Museu Alfredo da Silva.

Imagem 7 – Clarkson Stanfield por John Simpson.

A primeira vez que vai expor na Academia Real é em 1820, sendo uma presença assídua na Academia até à data da sua morte, em 1867.

Foi membro fundador da Sociedade de Artistas Britânicos, em 1824, onde chegou a presidir em 1828. Tratou-se de um artista de composição, um pintor de cena, onde ficou conhecido pelas suas pinturas de grande escala e dos temas das paisagens marinhas dramáticas, onde o crítico de arte John Ruskin o considerou ser um dos pintores que mais se aproximou de Turner como delineador das formas das nuvens e do mar.

“Marinha com naufrágio em Fort Rouge, Calais”

A obra exposta na Casa-Museu de Clarkson Stanfield é uma pintura a óleo sobre tela que representa uma cena marinha dramática e tem cerca de 200 cm x 250 cm. No canto inferior direito é possível observar a assinatura do artista “Stanfield” e a sua data, 1828.

A cena representada trata-se de um local que durante o século XIX foi fortemente utilizado neste género de pintura, o *Fort Rouge*, em Calais no norte de França. Este “forte Vermelho” foi construído, em 1665, sobre estacas, a cem metros da costa junto ao porto de Calais. O objetivo era que pudesse defender o porto, após este ter sofrido um ataque por parte da marinha inglesa durante a Guerra da Liga de Augsburg.



Imagem 8

O Forte, construído no mar, foi defendido por doze canhões, servidos por uma guarnição de cerca de quinze soldados e que em caso de necessidade poderiam vir a ser cinquenta. Este Forte testemunhou alguns naufrágios, visto que alguns marinheiros confundiam a entrada do porto. Serviu de temática para algumas das representações na pintura a óleo e a aguarela, como é o caso da pintura de Stanfield e outros pintores (Imagem 9). Desativado em 1857 acabou por ser destruído em 1864.

Imagem 8 – *Fort Rouge*, aguarela de Thomas Abel Prior.

Stanfield representou este Forte algumas vezes, nas duas técnicas, a óleo e a aguarela. Na aguarela (Imagem 10), percebemos em detalhe as características de construção do Forte, visto que a cena é representada em maré baixa, numa cena quotidiana, onde se pode observar pessoas possivelmente a pescar e uma carroça com bois ao fundo. Não deixa de estar representado junto ao Forte uma embarcação encalhada, onde os participantes da cena também podem estar a procurar alguma coisa que restasse desta embarcação.



Imagem 9

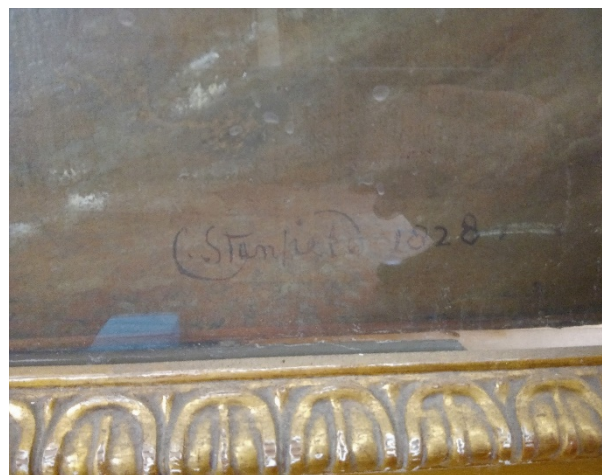


Imagem 10



Imagem 11



Imagem 12

Imagem 10 – Fort Rouge, aguarela de Stanfield.

Imagem 11 – Excerto do quadro da Casa-Museu com a assinatura do pintor.

Imagem 12 – Naufrágio em *Fort Rouge*, 1829, Clarkson Stanfield. Lady Lever Art Gallery.

Imagem 13 – Excerto da obra na Casa-Museu, Clarkson Stanfield. Cena central. 1828.

Comparando as Imagens 10 e 11, pode-se observar a assinatura do autor, coincidente em ambas, assinando o artista como Stanfield.

Na pintura a óleo (Imagem 12), a cena central é precisamente a mesma que se encontra na obra que está na Casa-Museu. Esta pintura, com medidas mais pequenas (124 cm x 150 cm), tem como título “Wreckers off Fort Rouge” e está datada de 1829, precisamente um ano depois de ter realizado a obra que está patente na Casa-Museu. A embarcação tem o mesmo número de figurantes, exceto o mastro. Neste caso, a pintura da Casa-Museu (Imagem 13) põe a condição humana à prova na luta contra a natureza, onde sobressai um corpo cansado que tenta usar o mastro para conseguir chegar até à pequena embarcação.

Embora não se saiba o título da pintura, trata-se de um naufrágio dominado por uma cena central que rapidamente prende o observador. No entanto, a pintura tem outras ações secundárias em vários pontos da tela, revelando o esforço humano perante a adversidade e a tragédia no momento do naufrágio. Um caos acontece no mar, vários barcos a afundarem e todas as personagens tentam salvar-se a si e às suas coisas.

A construção do espaço tem a técnica dominante da pintura holandesa, fazendo-se representar por uma vela dominante, salientando o dramatismo, e as diagonais e ângulos de fragilidade, nomeadamente com o mastro balançando sobre as ondas. A força das ondas demonstra a força da natureza e o impacto que esta tem, na construção de um espaço deliberadamente assimétrico e caótico, fazendo com que o elemento natureza sobressaia sobre o “insignificante” e perdido elemento humano.

Das cenas a acontecer no naufrágio, destacam-se:



Imagem 13

- As culturas marginais, representada, com um dos homens de raça negra na embarcação e sendo o que tem o rosto mais caracterizado. Stanfield foi um lutador contra o comércio de escravos;
- O maior foco de luz a incidir nesta cena central, com a predominância de cores quentes em contraponto com a restante cena;
- O detalhe das linhas e traços que compõem a embarcação, bem como das cordas;
- As ondas a bater com a força e o impacto visual conferindo um realismo à cena;
- Composição dinâmica.



Imagem 14

- Os homens da embarcação tentam puxar o mastro, através de cordas para salvar o homem que se encontra assente sobre o mastro;
- Ao fundo as ondas a baterem e a dissiparem-se no Forte, dando a sensação de espuma e demonstrando a violência e força das ondas;
- As transparências da água com as ondas demonstram e conferem um realismo à cena.

- A luz a incidir sobre o homem cansado e fatigado que tenta, na sua condição, a sua salvação;
- O rosto escondido, numa postura corporal de prostração e cansaço, demonstrando quase a desistência, em contraponto com um corpo musculado, hercúleo;
- A luz a incidir no corpo, demonstrando a força humana em contraponto com a força da natureza, numa total impotência;
- O detalhe da vela e das cordas, com precisão no traço.



Imagem 15

O dinamismo da cena central é o ponto de fuga para as restantes cenas da pintura. Aqui trata-se do epicentro, onde o espectador entra na cena e sente a tensão do momento, como se estivesse a fazer parte dela.

Imagem 14 – Excerto da obra na Casa-Museu, Clarkson Stanfield. Cena central, homens sobre a embarcação, 1828.

Imagem 15 – Excerto da obra na Casa-Museu, Clarkson Stanfield. Cena central, homem sobre o mastro, 1828.



Imagem 16

o No canto superior direito da tela, vê-se Calais e a população em terra tentando ajudar, numa cena secundária, possivelmente um outro naufrágio junto ao forte ou mesmo quem se encontra no forte;

o As cores escuras são irrompidas por uma luz que vem do céu, dando a sensação de turbilhão entre mar e céu, num rasgo de esperança.



Imagem 17

o O *Fort Rouge*, imponente, mas o causador de tantos naufrágios, onde os militares assistem à tragédia no mar;

o Aparece em segundo plano, com tons escuros, onde o ponto mais iluminado é a bandeira;

o A quantidade de barcos que estão encalhados e a confusão demonstrando o caos em torno do Forte;

o A vela, que domina a cena neste excerto, na sequência do tradicionalismo das composições dos mestres neste tipo de cenas marítimas.

Para além da cena central, que é a cena principal e que abre para todas as restantes cenas, esta pintura de Stanfield representa bem o conhecimento que este homem tinha do mar e também o dramatismo e o conhecimento das grandes cenas teatrais, demonstrando o espetáculo entre a condição humana perante a natureza. A tragédia, o caos, através da natureza na sua plenitude fizeram deste pintor uma das referências na pintura deste género.

Imagem 16 – Excerto da obra na Casa-Museu, Clarkson Stanfield. Vista sobre Calais e seus habitantes, 1828.

Imagem 17 – Excerto da obra na Casa-Museu, Clarkson Stanfield. *Fort Rouge*, 1828.



Member of
European
Route
of Industrial
Heritage

Fontes:

[Art UK | Descubra obras de arte](#)

Charles Brooking 1723-1759 and the 18th Century British Marine Painters. Autor: David Joel;

[HiSoUR Arte Cultura Exposição – Visita virtual, Exposição de artesanato, História da descoberta, Cultura cultural global.](#)

Maria Leonor Machado de Sousa, *Romantismo Inglês: Uma Interpretação*, 1994 FCSH.

Marine Painting, 84 illustrations selected and introduced by Richard Calvocoressi, Phaidon, 1978

The Dictionary of Sea Painters of Europe and America, E.H.H. Archibald, Antique Collectors' Club

www.artrenewal.org

O pintor da vida moderna, Charles Baudelaire.

Ana Paula Gonçalves
Direção de Comunicação e Marketing
Artigo 003